

A escuta da regressão no processo analítico¹

Gabriel Sapisochin²

Resumo: Partindo da suposição de que a noção de regressão libidinal pertence a um modelo de psiquismo estático, encerrado no vínculo com o outro e organizado de forma invariante, o autor considera que a apresentação do arcaico na sessão analítica pressupõe um modelo de psiquismo como uma *Organização Funcional*, com diferentes níveis de funcionamento e de representação simbólica. Propõe-se a ideia de um psiquismo arcaico, conceitualizado como inconsciente não reprimido e resultante das atribuições projetivo-traumáticas do inconsciente parental, que busca expressão e representação através da colocação em ato nos diferentes contextos em que se processa a realidade psíquica. O autor considera que a ideia de um psiquismo, que se manifesta por meio do que é repetido a partir da *colocação em ato dramático*, é a consequência de um psiquismo aberto à geração de significado emocional no encontro com o outro do espaço intersubjetivo, o qual deixou de ser um objeto contingente. Considera-se que a noção freudiana de *Agieren* pressupõe uma mudança implícita na teoria da escuta psicanalítica, dado que a transferência deixa de ser apenas o deslocamento da representação intrapsíquica para constituir-se em fenômeno intersubjetivo indissolúvelmente ligado à contratransferência. Postula-se finalmente que a utilização instrumental da apresentação do arcaico no processo analítico implica que o enquadre, ao conter a representação cênica de certa configuração intrapsíquica arcaica do analisando registrada como *gestos-psíquicos-não-pensados-verbalmente*, cria as condições para uma nova forma de representação compatível com a lógica verbal do Eu, distanciada da repetição em ato e suscetível de ser ressignificada infinitamente.

Palavras-chave: *Agieren*; arcaico; gestos-psíquicos-não-pensados-verbalmente; inconsciente não reprimido; organização funcional; regressão.

Creio que a exposição neste encontro anual da Asociación Psicoanalítica de Madrid dedicado à *Regressão no Processo Analítico* é um ato de retribuição simbólica que nós, membros, fazemos quando atingimos nossa maturidade como analistas.

Uma espécie de rito no qual devolvemos à instituição ideias, conceitos, modelos recebidos e agora transformados por nossa metapsicologia particular. Metapsicologia que é pessoal e intransferível a outro analista, porque está baseada em nossa idiossincrasia psíquica em interação dialética com a experiência internalizada das sucessivas análises pessoais, supervisões e a leitura própria dos textos. Porque devemos voltar a ler os textos fundadores,

1 Esta apresentação oral foi lida no *Simpósio Anual da Asociación Psicoanalítica de Madrid*, em 27.11.2010 e publicada em 2011 na *Revista de Psicoanálisis APA* (Sapisochin, 2011). O texto completo da exposição foi publicado em castelhano na *Revista de Psicoanálisis APM* e em italiano em *Psicoanalisi*.

2 Membro titular com função didática da Asociación Psicoanalítica de Madrid.

mas de modo diferente. Nesse sentido, creio que a literalidade de toda leitura psicanalítica mata a transmissão e a condena a ser repetida de maneira *light*. A única coisa que um texto analítico “clássico” deveria ter de sagrado seria sua potencialidade de dar outros sentidos, de abalar nossas certezas, de gerar um pensar novo. Quando um texto sempre diz o mesmo, já não diz nada, porque se transformou em palavra vazia.

No meu caso, tento apresentar um modelo metapsicológico, digamos, complexo, no sentido que E. Morin (1990) dava ao termo complexidade, ou seja, um modelo metapsicológico que integre diferentes perspectivas ao invés de excluí-las. Por isso minha proposta traz a marca pluralista de nossa instituição, na qual convivem e dialogam diferentes esquemas referenciais.

Contudo, embora considere frutífero o diálogo da psicanálise com outras disciplinas e sua inspiração nelas, como por exemplo, entre muitas outras, as neurociências, acredito ser importante manter a coerência epistemológica não fazendo extrapolações reducionistas que possam nos fazer perder nosso dispositivo de exploração específico, através da escuta psicanalítica, e nosso objeto de estudo específico, que é o conhecimento e a transformação da realidade psíquica do analisando, tal como surge no processo analítico (Sapisochin, 2008).

Quando desenhei pela primeira vez qual poderia ser minha abordagem deste tema, não tive dúvidas de que o faria seguindo as minhas preferências dos últimos anos, expostas em diferentes publicações e apresentações científicas. Esse interesse centra-se na explicação metapsicológica das modificações que o psiquismo do psicanalista sofre enquanto escuta seu paciente. Por isso não me era possível abordar a questão da regressão no processo analítico sem me centrar na investigação de como escutamos com nosso psiquismo a apresentação do regressivo na situação analítica. E, nesse sentido, poderia dizer *a posteriori* que todo meu texto procura gerar ferramentas conceituais que nos permitam entender psicanaliticamente como escutamos os níveis de funcionamento arcaico que todo analisando apresentará em um processo analítico, mais cedo ou mais tarde e de maneira irreduzível.

A primeira suposição de que parto é que o processo analítico se constitui pelas trocas simbólicas que se dão entre analisando e analista ao longo de um eixo diacrônico. Trocas que supõem o diálogo entre dois psiquismos. Por isso creio que seria incompleto conceituar a regressão em um processo analítico centrando-se exclusivamente na regressão no funcionamento psíquico do analisando. Porque aquilo de que se trata é da forma de vinculação, de comunicação e, fundamentalmente, do trabalho de representação simbólica que adota o par analítico no âmbito de cada sessão de análise, e cuja continuidade ao longo de um eixo temporal constitui o processo psicanalítico; este concebido como as sucessivas transformações da representação que paciente e analista têm do encontro.

Todos temos a experiência de que o arcaico envolve, logo de entrada, o analista, que sem ter consciência disso, começa a atuar em função do papel complementar que lhe foi atribuído pelo analisando na configuração vincular regressiva que ele tenta realizar no cenário analítico. Um atuar sobre o qual me deterei mais adiante, mas desde já esclareço que não me refiro a atuações motoras, nem do paciente nem do analista.

Produz-se o que os Baranger (Baranger & Baranger, 1961) denominaram, nos anos 60, uma patologia do campo analítico. Ideia que sofreu atualizações posteriores. Trata-se de uma neoformação criada entre os psiquismos de paciente e analista, que permitirá a cura por meio da compreensão, reelaboração e transformação dessa doença transferencial-contratransferencial. Nova versão da neurose de transferência que Freud postulou como

núcleo do tratamento, como uma transição entre a saúde e a doença. Por isso, o transferencial-contratransferencial não será, em meu modelo, um fim em si mesmo, mas um meio para transformar a intrassubjetividade do analisando. Como? Gerando as condições para a *transformação da representação do passado* que cada sujeito teve.

Em segundo lugar, voltei a refletir sobre o conceito de regressão, e tal como ocorre com outros autores contemporâneos (Sandler et al, 1994; Inderbitzin, 2000; Spurling, 2008), sinto grandes dificuldades de incluir o conceito de regressão dentro de minha conceituação, mais inspirada no segundo modelo de tópica psíquica e na segunda teoria das pulsões, ainda que os transcenda.

Vejamos quais são essas dificuldades. Como todos vocês devem lembrar, no primeiro modelo tópico parte-se do pressuposto metapsicológico de que os conteúdos psíquicos sofrem processos de transformação progressiva, segundo certa trajetória tida como normogênica: do sensorial ao pensar verbal. E a regressão é entendida como um processo de retorno em sentido contrário.

Por outro lado, no primeiro modelo pulsional, a regressão define a volta para trás da libido, também segundo certa trajetória considerada normogênica.

Contudo, quando articulamos o segundo modelo tópico com a segunda teoria pulsional surge uma ideia de regressão bastante diferente. O regressivo define-se agora não tanto por um movimento retrógrado da libido no *Eu*, mas pelo trabalho da pulsão de morte *que inunda o Eu desde o Isso*. Parece-me muito importante sublinhar essa diferença, porque agora define-se como regressivo o tipo de funcionamento mental que vemos surgir no psiquismo do analisando em busca de vínculos arcaicos. Um funcionamento psíquico que atribuímos, como “*mito etiológico*”, aos efeitos do trabalho desorganizador da pulsão de morte; funcionamento mortífero que Eros não consegue limitar ligando-o ao pensar verbal.

Assim, e diferentemente da libido, cuja evolução corre paralela à construção de um *Eu* que suporta de maneira crescente a tensão conflituosa sem se desorganizar, a meta desse funcionamento mortífero será anular toda tensão psíquica, que a discriminação em relação ao objeto reconhecido em sua alteridade supõe. Daí a tendência de destruição do *Eu* como entidade autônoma cada vez que este é invadido e, por momentos arrasado por esse modo de funcionamento desligado, tanto da libido quanto da palavra, que é patognomônico do *Isso*.

Por esse motivo, a morte a que alude a noção de pulsão de morte é sempre a morte metafórica do *Eu*. Por quê? Porque a meta desse funcionamento psíquico, que atribuímos a esse ser mítico que chamamos *Thanatos*, é anular essa diferença entre o sujeito e o objeto. Um objeto que, engrandecido, torna-se agora uma potência ameaçadora e desorganizadora do trabalho de autonomização e ligação simbólica do *Eu*.

Vemos, portanto, que o conceito de regressão não encaixa muito bem quando nosso modelo é o de um *Eu* que, mais que regredir, é superado em sua capacidade de transformar os conteúdos emocionais do *Isso* desligados da palavra. Já não se trata do sujeito “perverso polimorfo” do inconsciente da primeira tópica buscando uma realização regressiva a serviço do prazer de reencontrar o objeto perdido, mas do sujeito pós-moderno *almodovariano* que vive “à beira do ataque de nervos”, em decorrência da presença excessiva de um objeto que nunca se torna ausência.

O primeiro obtém realizações simbólicas por meio de formações substitutivas regressivas que focalizam e delimitam a ansiedade do *Eu* como sinal de alarme, quando entra

em contato com o secundariamente recalcado. Pelo contrário, quando escutamos o funcionamento do sujeito que explicamos com o modelo estrutural e com a segunda teoria das pulsões, supomos um sujeito psíquico que vivencia seu Eu inundado por conteúdos emocionais, inscritos e expressos simbolicamente com formas arcaicas de tipo imaginário, criadas no espaço do real por meio da repetição atuada (*Agieren*) (Freud, 1914/1994). Formas arcaicas são estrangeiras ao Eu.

Sabemos que a ideia inovadora e muito precoce de Freud (1950[1895]/1994) – de que a fonte de toda motivação do psiquismo surge do desamparo inicial do ser humano – não foi integrada em seu primeiro modelo de aparelho psíquico. No entanto, deixamos implicitamente de pensar em termos de primeira tópica e teoria da libido, quando nossos pressupostos teóricos nos fazem considerar que há um tipo de funcionamento do psiquismo que leva o sujeito a se apegar com-fusionalmente ao *Objeto-salvador-do-desamparo-inicial*, às vezes denominado objeto-em-função-materna. Um tipo de funcionamento do psiquismo que destrói o espaço de separação terceiro com esse objeto, espaço exogâmico onde poderiam ser criados potencialmente infinitos objetos culturais.

Concebo a psicosssexualidade infantil como *formas imaginárias específicas de vinculação*, que o sujeito cria apoiando-se no modelo das funções fisiológico-corporais oral, anal ou genital infantil, a fim de poder suportar, de maneira gradual e progressiva, o estatuto de alteridade do objeto. E cada fase supõe uma progressão, tanto nas qualidades formais da representação do sujeito e do objeto, quanto no tipo de vinculação em que este último é reconhecido progressivamente em seu estatuto de externalidade. Porque, de um ponto de vista evolutivo, crer que se “engoliu” o outro não é equivalente a controlá-lo de vez em quando ou seduzi-lo esporadicamente com gracinhas fálico-narcisistas.

Em certo sentido, a psicosssexualidade comandada pelo erotismo demarca o caminho para que *Thanatos* encontre, no espaço da realidade exogâmica, satisfações para a eterna busca de confusionalidade com o Objeto-que-salvou-do-desamparo. Uma busca irrefreável para encontrar o antigo no novo, o familiar no estranho (Milner, 1952), e que supõe intrincar-se com a atividade de ligação prazerosa do Eu de criar novos objetos, cada vez mais afastados do arcaico preconcebido. Assim vistas as coisas, *Thanatos* dará o contorno, a forma a essa função socializante de Eros (Sapisochin, 2006).

Esse modelo de psiquismo, que contém a mescla e desmescla de funcionamentos mentais, que se ligam e desligam, é algo que nos permite abandonar a noção espacial de estrutura psíquica invariante em prol de processos de transformação do psiquismo com diferentes graus de simbolização, que está na base da noção freudiana de ressignificação *a posteriori* (*Nachträglichkeit*). O que conta é mais o fluxo transformativo no decurso temporal que o espaço a ocupar. Tópicas *versus* fluxos de significado surgindo na mescla e desmescla dialética do funcionamento do Eu e do Isso, entre o adulto e o infantil, entre o tanático e o erótico, entre o pré-genital e o genital, entre Édipo e Narciso, entre o integrado e o desintegrado etc. E recriados também no encontro das duas subjetividades que povoam o processo analítico: entre a transferência e a contratransferência.

Uma concepção de sujeito psíquico clivado verticalmente para sempre, o que não implica desorganizado. Pelo contrário, em meu trabalho eu o denomino uma *Organização funcional* (Sapisochin, 2011) com diferentes níveis de funcionamento psíquico em sincronia. Um fato que leva Freud a afirmar que todo estágio evolutivo anterior conserva-se junto com

os mais tardios, e a ressaltar a plasticidade do psiquismo por sua capacidade de restabelecimento de estados primitivos imperecíveis. Refiro-me ao que Bion (1957) conceituou como “parte psicótica” e Green (1975) como “loucuras privadas”.

Dado que, em meu modelo, não concebo o psiquismo em termos de espaços, de tópicos, dentro dos quais se avança ou se retrocede, mas passo a conceituá-lo funcionando segundo tais ou quais qualidades, que é o que de fato escutamos na sessão, poder-se-ia afirmar que já não se trata da volta a um “ponto de certo espaço”, como é o conceito de fixação, alcançado segundo determinada linha evolutiva, mas da volta de certo tipo de movimento do psiquismo que processa a realidade com uma *forma ou modalidade* de tempos imemoriais.

O funcionamento de um tempo do psiquismo em que o sujeito considerava possível dispor livremente do objeto, como se a triangularidade não existisse; o que no modelo espacial veio a ser conceituado como as bordas arcaicas do complexo de Édipo (Chasseguet-Smirgel, 1984; Sapisochin, 1999a). Aqueles enclaves psíquicos do analisando em que *His Majesty the Baby* se constitui epigeneticamente pelo objeto, e ambos permanecem em um estado de indiscriminação. É esse estado de indiscriminação para o qual tende o arcaico repetido compulsivamente e que é mortífero para o Eu.

Trabalho com a suposição metapsicológica de que esse funcionamento primitivo derivaria dos efeitos no psiquismo da vinculação precoce com outro, que salvou o sujeito infantil do desamparo representacional ao lhe atribuir projetivamente certo papel em uma história familiar.

Trata-se do que em outra oportunidade defini como *estigmas identificatórios* (Sapisochin, 2007) muito precoces, que se manifestam como *gestos psíquicos*, utilizados pelo sujeito ao se vincular afetivamente aos outros, e que jamais chegam a ser pensados verbalmente pelo Eu, dado que *sua maneira de inscrição é ao modo de cenas ideopictográficas de relação sujeito-objeto*, que implicam procedimentos psíquicos para lidar com o impacto da realidade.

Modalidade de processamento da realidade cunhada pela crônica como atribuição-projetivo-traumática do inconsciente parental. Um funcionamento psíquico primitivo que, contemporaneamente, atribuímos à qualidade de inconsciente não recalcado, dado que não se origina do dinamicamente recalcado nem se expressa como ele.

Há quem considere, e me incluo entre eles, que esse tipo de inscrição mnêmica possa ser análoga, nunca idêntica, ao conceito de *memória implícita ou procedimental* postulado pelos neuropsicólogos nos anos 80 (Schacter, 1987). E supomos que esse tipo de funcionamento do psiquismo que repete a forma de vinculação com o outro-que-salvou-do-desamparo-representacional seja primitivo:

1. pela indiscriminação entre as representações do sujeito e do objeto;
2. pela forma de inscrição no psiquismo segundo uma modalidade ideopictográfica;
3. e, fundamentalmente, pela forma de expressão por meio do posto em ato. Um conceito capital em meu modelo.

Concebo o psiquismo em uma constante e incessante tentativa de simbolizar a experiência emocional que surge no encontro com a realidade. Para isso, devemos deixar de pensar o trabalho de representação mediante símbolos como um processo de lógica binária, do tudo ou nada, e pensá-lo em termos de diferentes modalidades que o psiquismo adota para

processar transformativamente seus conteúdos. E supor que há níveis de funcionamento mental, nos quais a busca de significado para o encontro com o real se dá com recursos de representação verbal; e outros níveis de funcionamento psíquico que recorrem ao pensamento não verbal e a outro tipo de *representação, de tipo dramático-imaginário*, posta em ato nos diferentes espaços em que se processa a realidade psíquica.

Embora o repetido posto em ato esteja, de fato, bastante distante do representado verbalmente, nem por isso é o não simbolizado ou irrepresentado, e menos ainda, tem estatuto de irrepresentável, como defendem alguns autores contemporâneos como Green (1997, 2002), Botella (2003), Steiner (2006). Penso que quando ele é assim conceituado é porque se continua pensando a clínica com uma suposição implícita do atuar (*Agieren*), de acordo com o modelo topográfico, no qual o não representado verbalmente é descarregado como atos motores evacuativos, que supostamente não conduzem à elaboração psíquica. Minha proposta afasta-se radicalmente dessa concepção porque acho difícil conceber a existência de elementos psíquicos que se repetem compulsivamente, tendendo à invariância, e que careçam de inscrição psíquica.

Creio que, frequentemente, passa-se por alto o fato de que tanto a simbolização verbal quanto a não verbal são gradientes de transformação de um mesmo conteúdo; sempre partindo da ausência-de-uma-presença-esperada, que ou torna-se presente em representações verbais que aludem a ela metaforicamente, ou então mediante fenômenos segundo o modelo do atuar (*Agieren*) ou da alucinação positiva, que presentificam o objeto ausente em formações delirantes.

O analista que dispuser dessas suposições implícitas em sua metapsicologia particular poderá escutar outras modalidades da linguagem, que não passam pela palavra criada pelo Eu para nomear as emoções. Ou seja, sem ter uma escuta preconceituosa sobre a expressão dessa emocionalidade inscrita de forma ideopictográfica que, metapsicologicamente, atribuímos a um inconsciente não recalçado.

Recapitulando. A regressão é um fenômeno intrassubjetivo no qual o mortífero do Isso inunda e destrói o Eu, que fica impotente para funcionar ligando a emoção a narrativas libidinais possíveis. E quando concebemos um inconsciente somente a partir da libido recalçada, perdemos a possibilidade de escutar esse outro inconsciente mais mortífero, não recuperável pelo par associação livre-atenção flutuante. Em segundo lugar, ao se apresentar na situação analítica através da colocação em ato, esse funcionamento arcaico intrassubjetivo do paciente sempre engloba o analista, eliminando sua posição neutra no tratamento.

A terceira articulação de meu texto busca conceituar como esse funcionamento arcaico pode ser escutado com as ferramentas que definem o que considero ser nossa especificidade, que é o tratamento por meio da transferência.

Postulo que esse funcionamento arcaico do paciente, e que preexiste ao encontro analítico, busca representação simbólica recrutando o outro, o analista na situação analítica, para dramatizar certo roteiro não dizível com as palavras. Já não se trata de sonhar, ou devanear, o analista, ou seja, de incluí-lo em alguma formação intrassubjetiva em que o desejo inconsciente aparece realizado. Pelo contrário, outra qualidade do inconsciente, não dizível verbalmente, irrompe na realidade intersubjetiva criada dentro dos limites do enquadre. Um inconsciente não recalçado, que já buscava expressão muda como transferência lateral, mas que agora é representado simbolicamente na situação analítica à maneira do “*teatro dentro*

do teatro”. Tal como sucede na trama de *Hamlet*, com a representação de “A ratoeira”, que ao mostrar, de maneira muda, o assassinato do Duque Gonzago, torna visível a vinculação emocional invisível daquele grupo humano.

Em várias publicações anteriores (Sapisochin, 1999b, 2007) afirmei que quando, em 1914, Freud introduziu a noção de *Agieren*, estava propondo uma nova modalidade de trabalho psíquico destinado a criar lembranças verbais para importantíssimas vivências não registradas em pensamento verbal. Todos vocês sabem perfeitamente que Freud afirmava que o paciente não recorda de maneira verbal, mas atua no cenário analítico, porque essa é sua maneira de recordar. O que Freud nunca chegou a explicitar é que reconsiderar a transferência expressando-se por meio de *Agieren* supunha um salto conceitual importante que, já em 1914, supunha uma mudança implícita de paradigma na teoria da escuta psicanalítica.

Porque a primeira ideia freudiana da falsa conexão entre a representação intrapsíquica de um objeto do passado com um do presente torna-se agora uma condição necessária, mas não suficiente, para conceituar a manifestação da transferência no espaço analítico.

De fato, a transferência sempre exige de outro que encarne o papel do enigmático objeto transferido. E por isso, utilizando a metáfora teatral, Freud (1915/1994) nos transmite a imagem do fogo, que irrompe no cenário analítico e produz uma mudança de cena no trabalho em transferência positiva sublimada que o par analítico vinha desenvolvendo: um associando livremente, o outro escutando com atenção livremente flutuante.

É algo que, agora, arrasa de maneira temporária ou permanente a atitude neutra do analista, forçando-o a se identificar com o objeto preconcebido como presente. O analista deixa de ser tomado pelo paciente como uma representação intrassubjetiva do passado; ele tornou-se, nas palavras do poeta T.S. Eliot (1919), “[...] o momento presente do passado”, isto é, um passado recriado *après-coup* na situação analítica.

Por isso é que em meu texto propus que a transferência, como formação que contém o que veio a ser denominado regressão temporária do analisando, extrapola, por sua extensão, o modelo intrassubjetivo da primeira tópica freudiana e o recalçamento secundário, já que precisa, para se constituir, do outro do espaço intersubjetivo.

Já faz alguns anos que afirmei que nessa modalidade de funcionamento psíquico, que atribuímos a um inconsciente não recalçado e que se expressa por meio da repetição posta em ato, a realidade adota a função de cenário representacional (Sapisochin, 1999b). Efetivamente, agora a realidade proporciona um suporte figurativo não só para representar, mas também para comunicar os estados emocionais cuja inscrição psíquica não passa pelo pensamento verbal criado pelo Eu, mas que precisa de outro para se expressar, devido a sua modalidade específica de inscrição mnêmica como *gestos psíquicos não pensados verbalmente*.

Baseando-me na noção de ideogramas de Bion (1950), nas metáforas visuais de Money-Kyrle (1965) ou nas representações pictográficas de Aulagnier (1986), propus a ideia de uma *representação dramática*, coproduzida pelo par analítico, para descrever essa modalidade arcaica de representação da qualidade de um vínculo afetivo em uma imagem visual, como pré-condição para poder ser representado em pensamento verbal (Sapisochin, 2004, 2007, 2009, 2010, 2011).

Creio que essa é a extensão lógica do sentido de encenação que Freud dá ao conceito de *Agieren*, tanto dentro quanto fora da situação analítica. Nessa representação dramática, o outro do espaço intersubjetivo é recrutado para encenar determinado roteiro inconsciente,

que está inscrito psicologicamente como gestos psíquicos não pensados verbalmente, que o sujeito troca com os objetos: “*me devora e tenho de fugir*” ou “*controlo o outro que é meu escravo*” ou “*me humilha e sinto vergonha*” etc.

Por isso considero que essas dramatizações, essas *mise-en-scène* no cenário analítico, não são processos de atuação evacuativa do psiquismo, como poderiam ser consideradas quando se permanece fiel ao estatuto marginal, fora do campo dos fenômenos psíquicos, e mais ligado à descarga de tipo econômico que Freud outorgava ao ato em seu primeiro modelo tópico.

Porque *Agieren* não alude à atuação motora, nem dentro nem fora da sessão analítica, mas a um movimento do psiquismo tendente a representar, a atuar no sentido teatral do termo. Trata-se de um atuar não motor mediante o qual se representa tal ou qual personagem; e mesmo que nos casos extremos a atuação seja motora, a intencionalidade é transmitir um gesto psíquico, tal como sucede no cinema mudo ou no teatro de mímica.

Disse antes que essa nova visão faz com que a transferência deva ser entendida não só como uma atualização intrapsíquica, mas devem ser incluídas, nesse conceito ampliado de transferência, as tentativas inconscientes do paciente tendentes a situar seu analista em certa posição identificatória preconcebida.

Porque, nesses momentos privilegiados, o que interessa do discurso verbal do paciente não é tanto seu conteúdo semântico, mas sua capacidade de evocar no analista uma experiência emocional que não pode ser descrita com palavras, já que é representada segundo um *modo de representar arcaico*, de quando as palavras não estavam disponíveis para nomear as emoções.

Vejamos como isso ocorre. O analista percebe que deixou de pensar na subjetividade de seu paciente ao se dar conta de que ocorreram eventos imprevistos em sua técnica habitual que o surpreendem. Recuperou sua posição de neutralidade terceira da qual observa, primeiro com surpresa e em seguida com preocupação, que sem saber viu-se envolvido com seu paciente em um mini acontecimento no qual o agrediu, o seduziu ou qualquer outra eventualidade. É o que os colegas anglo-saxões denominaram de *enactment*, e os francófonos, de *agir*.

Enactment que, do ponto de vista explícito, pareceria algo pontual até que o analista tome consciência de numerosas colocações em ato que teriam passado despercebidas (Smeke Cassorla, 2008). O importante, porém, é sublinhar que não houve ato motor, já que só trocaram palavras. Palavras que, ao serem ditas em um contexto com determinada prosódia, têm o sentido secreto de suscitar certa posição subjetiva do outro por intermédio da maneira como são ditas. Momentos do processo nos quais *dizer é fazer* (Alvarez de Toledo, 1996[1954]; Austin, 1962). Por isso, mais que o valor semântico do falado, importa sua vertente semiótica.

E tal como sucede com a coloração dos preparados histológicos, a palavra dita, ou seja, determinadas interpretações tornam-se um ato psíquico do analista (Faimberg, 1996, 1997; Joseph, 1999; Donnet, 2005; Steiner, 2006). Por isso permitem ver o invisível: escutar em um segundo tempo *com que objeto e com que modalidade de expressão psíquica do paciente* o analista foi identificado no encontro.

Queria destacar esse ponto porque minha concepção navega entre a visão restrita e a visão ampliada do fenômeno contratransferencial. É uma visão restrita exclusivamente ao inconsciente do analista ativado no encontro. Mas compartilha com a visão ampliada o uso dessa ativação como instrumento de conhecimento da transferência. Conhecimento

sempre *après-coup* de uma colocação em ato, normalmente imperceptível para o analista em um primeiro olhar, porque trata-se de um gesto psíquico do paciente, inscrito ideopictograficamente, e que se manifesta por meio de sua atividade interpretativa. Isso poderia ser uma explicação metapsicológica para o postulado fenomenológico de Renik (1998) de que a contratransferência só seria cognoscível como consequência de um *enactment*.

Assim, essa imagem do par analítico que determinada *forma ou modalidade vincular* adota torna-se um símbolo exterior para ambos os participantes do encontro, para que certo estado emocional inscrito de maneira gestual imaginária e, portanto, heterogêneo à organização do Eu, possa ser nomeado, isto é, pensado com lógica verbal.

Desse modo, o trabalho analítico do par teria transformado uma apresentação em uma re-presentation do passado no presente da situação analítica. E, por isso, a colocação em ato transferencial-contratransferencial é uma passagem inevitável no caminho rumo ao *insight* do funcionamento arcaico do analisando.

Resumindo. O funcionamento arcaico do analisando busca expressão e representação recrutando o analista como copartícipe de uma formação intersubjetiva manifestada, habitualmente, de maneira não pontual no cenário analítico e que, em nosso jargão técnico, denominamos *colocação em ato transferencial-contratransferencial*. A colocação em ato do posicionamento subjetivo do analista no tratamento é o ponto de partida para transformar em um pensamento verbal certa modalidade vincular intrassubjetiva do analisando, pertencente a uma forma de inconsciente de tipo ideopictográfico.

A vinheta clínica de minha paciente Clara, que apresentei no texto que circulou antes de minha exposição³, ilustra como a atividade interpretativa do analista torna explícito, perceptível e, portanto, escutável seu posicionamento no cenário analítico, representando dramaticamente para o “objeto-chato-retentivo”. É o ponto de partida para transformar em pensamento verbal a cena muda transferencial-contratransferencial dramatizada (*Agieren*) pelo par analítico.

O que importa destacar é que o par analítico coproduz, ao longo do processo, o que denominei de *Objetos-de-Escuta-Psicanalítica* (Sapisochin, 2011), criados entre as subjetividades de analisando e analista. Objetos que são *formas ideopictográficas* que, ao mesmo tempo em que representam simbolicamente o tipo de vinculação emocional entre os participantes do encontro, comunicam e expressam a emoção que os vincula (Rocha Barros, 2000).

Essa ideia de que a regressão temporária no psiquismo do analista é gestada pela intencionalidade regressiva do analisando supõe conceber que há “*algo*” no psiquismo do analista capaz de representar o personagem com o qual é identificado projetivamente pelo analisando.

Porque para que haja um “enganche” entre os dois psiquismos, como o denominam os Baranger (Baranger & Baranger, 1961), é preciso haver um “gancho” que pertence apenas ao analista, embora seja ativado pelo analisando. Atualmente sabemos perfeitamente que os analisandos intuem o psiquismo do analista. O que me ocorre de mais simples são certos discursos masoquistas capazes de ativar o sadismo no mais benévolo dos analistas.

Daí que, ao pensar a ativação do psiquismo do analista quando enfrenta a força pulsionante da transferência, é importante ressaltar:

3 O leitor interessado pode consultar Sapisochin (2011).

1. a ideia de encontro intersubjetivo;
2. diferenciando-o da noção de *contraidentificação projetiva* proposta por Grinberg (1956), que supõe um curto-circuito na comunicação do par analítico, sem que haja participação ou ressonância do inconsciente do analista.
3. a ideia do paciente, como se se tratasse de um diretor de cena montando um *casting* entre os diferentes “[...] aspectos do psiquismo do analista que concordem com a fantasia inconsciente que o paciente tenta realizar” (Sapisochin, 2007).

E embora nos pareça paradoxal o fato de que a contratransferência suponha a ativação de aspectos inconscientes do analista, nem por isso devemos esquecer que a contratransferência não define o que somos idiossincriticamente, mas define o que não somos, já que supõe nos posicionar como símbolo de um objeto ausente do analisando presentificado no cenário analítico. Por isso é um ato de criação artística do analista, que além de utilizar uma técnica muito sofisticada, empresta seu psiquismo para representar cenicamente um outro.

No entanto, é importante não esquecer que o significado que tem esse *objeto-de-escuta-analítica*, criado entre os psiquismos de paciente e analista, é diferente para cada um dos integrantes do encontro; e nisso radica tanto a assimetria quanto a especificidade metafórica do processo analítico, ou seja, que algo signifique outra coisa para cada integrante.

De fato, na vinheta que apresentei percebe-se que certos derivados da história edípica positiva do analista, ativados no encontro com a transferência materna da paciente, permitem-lhe representar o papel de um objeto interno do Édipo negativo da paciente que castiga a autonomia.

Sei que essa proposta de trabalho clínico que apresento é difícil de manter em todas as sessões de trabalho que um analista tem ao longo do dia. Contudo, as apresentações que o paciente faz do arcaico, por meio de colocações em ato transferenciais-contratransferenciais, são momentos que se alternam com modalidades verbais de representação do inconsciente e que são escutadas na sessão mediante o par associação livre-atenção flutuante.

No entanto, como acredito que só escutamos o que conceituamos – dado que não há escuta fora de determinados pressupostos metapsicológicos –, minha atitude no encontro é estar aberto para que meu paciente me tome como qualquer personagem do teatro de sua mente.

Entendo que essa disposição perante o paciente é difícil porque em todos nós existe uma tendência a “*lavar as mãos*” em relação a nosso compromisso contratransferencial. Porque isso suscita o constante trabalho de autoanálise, que exige, periodicamente, aquilo que Anna O. chamava “*chimney sweeping*”. Uma limpeza de chaminé que previne o que recentemente foi denominado *síndrome do analista psiquicamente queimado*, que leva à perda da convicção no método psicanalítico.

Para terminar, algumas palavras sobre minha visão do lugar que a interpretação da regressão ocupa no tratamento psicanalítico.

Meu ponto de vista é que o valor instrumental que a regressão terapêutica tem está relacionado com a possibilidade de escutar e nomear níveis de funcionamento psíquico que não se expressam com o discurso verbal, e sim por meio dos efeitos que esse discurso suscita no funcionamento do psiquismo do analista, e mais ainda no posicionamento emocional em relação a seu paciente. Com esse fim, o analista cria as condições para que esses modos arcaicos de representar ideopictograficamente o encontro com o real possam se expressar

no processo analítico. Quando o analisando confia na habilidade do analista de conter dentro do enquadre essas modalidades arcaicas de representação interspíquica produzidas por meio do atuar – o que Winnicott (1967) chamava de “*playing with reality*” –, cede a atuação extra-analítica que tanto preocupava Freud e que, atualmente, com outras ferramentas conceituais, denominamos de *lateralização da transferência* (Gibeault & Kestemberg, 1981; Duparc, 1988; Sapisochin, 1999b, 2007). É o momento em que se restabelece o ritmo de todo processo analítico, caracterizado pela oscilação constante entre a escuta do representado verbalmente por meio da associação livre-atenção flutuante e o representado com uma forma arcaica, escutado por intermédio do transferencial-contratransferencial.

Penso que a interpretação de níveis primitivos de funcionamento psíquico teria, em primeiro lugar, uma “*função restauradora*” (Loewald, 1981), que permite ao analisando apropriar-se de certa modalidade de processamento arcaico não integrado. Nesse momento, o analista não desvela nada do inconsciente recalcado secundariamente, mas trabalha nomeando e discriminando a experiência subjetiva a fim de que o implícito adquira vida explícita no “*aqui e agora*”.

Um trabalho que se centra no que, no modelo topográfico, seria o conteúdo manifesto, porque são níveis de funcionamento psíquico nos quais a experiência emocional do passado não é recordável verbalmente, mas recordada pela vivência – “*memories in feelings*”, dizia M. Klein (1957). Não se trata de escutar o que estaria debaixo ou por trás do discurso consciente, mas de ver a lógica que está dentro da sutil interação como uma forma invisível para a lógica verbal do Eu, dado que se trata de experiências inscritas e expressáveis segundo modalidades ideopictográficas, que denominei de *gesto-psíquico-não-pensado*.

Contudo, além da apropriação subjetiva, a regressão se torna ademais terapêutica porque são estados emocionais específicos que, ao serem nomeados pela primeira vez no processo analítico, adquirem existência sob uma nova forma. Efetivamente, a nomeação verbal do arcaico produz *transformações nas qualidades formais da representação desse passado que foi*, e que por estar representado ideopictograficamente como gesto psíquico, repete-se em ato no *aqui e agora* do processo analítico.

Uma experiência emocional do passado, agora ligada às palavras, que pode ser integrada como narrativa na organização de representações verbais que denominamos Eu. Ou seja, quando os fantasmas, com textura de real e que vagam como almas penadas no universo subjetivo do analisando, podem se transformar em antepassados significativos. Seria o que se denominou de “regressão benigna” (Balint, 1968) e, em outro contexto, “regredir para progredir” (A. Freud, 1963).

Por isso, considero que a interpretação dos estados subjetivos arcaicos conduz à apropriação, à nomeação e à vinculação com o passado como elemento terceiro entre paciente e analista.

Por esse motivo, é importante que, embora o analista mergulhe em cheio no campo transferencial-contratransferencial para resgatar os níveis arcaicos do analisando, isso não deveria ser erroneamente entendido como os cuidados que uma mãe proporciona a seu bebê ou a uma criança muito pequena, tomando de maneira concreta a volta a um estágio precoce do desenvolvimento emocional.

Essa suposição genético-evolutiva tende, por um lado, a desconhecer que nem todo desenvolvimento subjetivo se construiu *sobre* o arcaico, mas *contra* a potência desorganizadora

do arcaísmo hegemônico do Isso sobre o Eu; e por outro lado, não valoriza a importância dos saltos qualitativos no desenvolvimento genético-evolutivo e a autonomia que funções egoicas adquirem em relação a sua fonte pulsional (Green, 1982; Inderbitzin *et al*, 2000).

Nesse tipo de proposição diacrônica também se desconhece o fato de que não existem formações que expressem um funcionamento de repetição puramente mortífero, totalmente desligado do prazer egoico da ligação elaborativa. O mais inquietante, contudo, é o esquecimento de que o que se repete em um processo analítico não é idêntico ao passado, já que produz efeitos em um contexto diferente daquele no qual foi gerado, e conforme as leis que derivam do encontro entre dois psiquismos.

Algo que nós, analistas, nos vemos tentados a esquecer quando, frequentemente, nos consideramos espectadores privilegiados de uma espécie de ilusório e romântico regresso ao passado, no qual se supõe que poderíamos ser melhores progenitores que os objetos arcaicos do paciente.

E creio que, nos casos em que se considera que a *regressão terapêutica* é curativa *per se* (Winnicott, 1954/1992), e não como precondição do *processo de produção de insight*, o tratamento analítico pende para certo tipo de “tarefas” reais e concretas que o psicanalista deveria cumprir.

Tanto em minha experiência clínica pessoal quanto quando supervisiono material de colegas, comprovo que o analista deixou de se interrogar sobre seu posicionamento contratransferencial quando recorre à crença de que deve incluir em sua técnica alguma ação, conscientemente escolhida, sem a qual o paciente não melhorará. Uma crença que, em muitos casos, torna-se convicção de que algo muito específico, que os progenitores deveriam ter dado ao paciente e não deram, poderia ser corrigido no *aquí e agora* da situação analítica, reparando dita doação falha.

Como se diante de uma situação nova e desconhecida do processo analítico que convocasse a interrogação do analista, este decidisse deslocá-la para fora do cenário analítico, para a relação com os objetos originários, recorrendo a uma teorização genético-evolutiva a fim de acalmar seu desconhecimento sobre esse estado emocional novo e certamente perigoso para o par analítico pela concretude e violência que adquire.

O analista começa a trabalhar com a suposição de que deve modificar sua técnica interpretativa habitual em prol de certas *tarefas concretas* para compensar algo que em seu tempo os progenitores deveriam ter feito ou falharam. Abre-se, assim, a porta para os não infrequentes posicionamentos antiéticos graves no processo analítico, já não sendo possível distinguir quando a colocação em ato é uma questão de técnica habitual, e quando deixa de ser um problema técnico para se transformar em um sério problema ético (Joseph, 2003; Gabbard, 1995, 2003; Urtubey, 2006).

O analista teria esquecido que o que está ocorrendo *ao vivo e a cores* no cenário analítico não é um acontecimento da realidade objetiva, mas um fenômeno coproduzido dentro do enquadre analítico, cujo estatuto paradoxal sustenta o jogo ilusório e, simultaneamente, atribui diferentes papéis e funções a cada membro do par analítico. Aquilo que nos exorta a ter um olhar retrospectivo (*nachträglich*) para o cenário analítico que nos leve a recuperar a atitude profissional no encontro. Qual? Promover a capacidade de autoanálise no paciente.

Disse no princípio que o arcaico, inscrito ideopictograficamente como gesto psíquico não pensado verbalmente, é representado no processo analítico ao modo do “*teatro dentro*

do teatro” mediante a representação dramática que convoca o par analítico não tanto pelo que falam, mas pelos gestos psíquicos que são trocados.

É o que demonstra o diálogo entre Hamlet e Ofélia, enquanto assistem à interpretação da cena do envenenamento do Duque Gonzago no terceiro ato de “A ratoeira” (Shakespeare, 1602/1981):

Ofélia pergunta – “O que significa isso?”

Ao que Hamlet responde – “Isso é um assassinato disfarçado e anuncia grandes maldades”.

E Ofélia diz, refletindo sobre isso – “Ao que parece, a cena muda contém o argumento da peça”.

Dessa maneira, o processo analítico suporia entrar em contato com as formas de funcionar arcaicas, que sempre estiveram aí expressando-se de maneira muda, para progredir com uma nova modalidade representacional que lança o sujeito psíquico para o futuro, afastado desse tempo repetido característico de seus funcionamentos primitivos.

La escucha de la regresión en el proceso analítico

Resumen: A partir del supuesto de que la noción de regresión libidinal pertenece a un modelo de psiquismo estático, cerrado al vínculo con el otro y organizado de manera invariante, el autor considera que la presentación de lo arcaico en la sesión analítica supone un modelo del psiquismo como una Organización Funcional con diferentes niveles de funcionamiento y de representación simbólica. Se propone la idea de un psiquismo arcaico, conceptualizado como inconsciente no reprimido y efecto de las atribuciones proyectivo-traumáticas del inconsciente parental, que busca expresión y representación a través de la puesta en acto en los diferentes contextos donde se procesa la realidad psíquica. El autor considera que la idea de un psiquismo, que se manifiesta a través de lo repetido puesto en acto dramático, es la consecuencia lógica de un psiquismo abierto a la generación de significado emocional en el encuentro con el otro del espacio intersubjetivo quien ha dejado de ser un objeto contingente. Se considera que la noción freudiana de Agieren supone un cambio implícito en la teoría de la escucha psicoanalítica dado que la transferencia deja de ser solo el desplazamiento de la representación intrapsíquica para constituirse como un fenómeno intersubjetivo indisolublemente unido a la contratransferencia. Finalmente se postula que el uso instrumental de la presentación de lo arcaico en el proceso analítico, implica que el encuadre, al contener la representación escénica de cierta configuración intrapsíquica arcaica del analizando registrada como gestos-psíquicos-no-pensados- verbalmente, crea las condiciones para una nueva forma de representación compatible con la lógica verbal del Yo, alejada de la repetición en acto y susceptible de ser resignificada infinitamente.

Palabras clave: Agieren; arcaico; gestos-psíquicos-no-pensados-verbalmente; inconsciente no reprimido; organización funcional; regresión.

Listening to regression in the analytic process

Abstract: Supposing that the notion of libidinal regression belongs to a model of static psychism, ending at the link with the other and organized in an invariable way, the author considers that the presentation of the archaic in the analytic session implies a model of psychism as a Functional Organization with different levels of functioning and of symbolic representation. The idea of an archaic psychism is suggested, conceptualized as a non-repressed unconscious which results from the projective-traumatic characteristics of the parental unconscious, and which seeks to represent and express itself through the placing in

action in the different contexts in which psychic reality is processed. The author considers that the idea of a psychism, which manifests itself through what is repeated from the placing in dramatic action, is the consequence of a psychism open to the generation of emotional meaning in the encounter with the other of the intersubjective space, whom is no longer a contingent object. It is observed that the Freudian notion of *Agieren* assumes an implicit change in the theory of psychoanalytic listening, given that transference no longer is merely the dislocation of the intrapsychic representation and becomes an intersubjective phenomenon inextricably linked to countertransference. Finally, it is claimed that the instrumental use of the introduction of the archaic in the analytic process implies that the frame, by containing the scenic representation of a certain archaic intrapsychic configuration of the analysand registered as psychic-gestures-not-verbally-thought, creates the conditions for a new form of representation which is compatible with the verbal logic of the ego, far from action repetition and susceptible to being infinitely resignified.

Keywords: *Agieren*; archaic; psychic-gestures-not-verbally-thought; non-repressed unconscious; functional organization; regression.

Referências

- Alvarez de Toledo, L. (1996[1954]). The analysis of “associating”, “interpreting” and “words”. *International Journal of Psychoanalysis*, 77, 291-317. [(1954). El análisis del asociar, el interpretar y de las palabras. *Rev Psicoanal*, 11, 267-313].
- Aulagnier, P. (1986). *Un intérprete en busca de sentido*. México: Siglo XXI.
- Austin, J. (1962). *Cómo hacer cosas con las palabras*. Barcelona: Paidós.
- Balint, M. (1968). *La falta básica*. Buenos Aires: Paidós.
- Baranger, W. & Baranger, M. (1961). La situación analítica como campo dinámico. In W. Baranger & M. Baranger, *Problemas del campo psicoanalítico*. Buenos Aires: Kargieman.
- Bion, W.R. (1950). The imaginary twin. In W.R. Bion, *Second thoughts*. (pp. 3-22). London: Maresfield Reprints.
- Bion, W.R. (1957). Differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. *International Journal of Psychoanalysis*, 38, 266-75.
- Botella, C. et al. (2003). *La figurabilidad psíquica*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1984). The archaic matrix of the Oedipus complex. In J. Chasseguet-Smirgel, *Sexuality and mind*. London: Karnac.
- Donnet, J.L. (2005). *La situation analysante*. (pp. 41-93). Paris: PUF.
- Duparc, F. (1988). Transfert latéral, transfert du négatif. *Revue Française de Psychanalyse*, 52(4), 887-898.
- Eliot, T.S. (1919). La tradición y el talento individual. In T.S. Eliot, *Ensayos escogidos*. México: Universidad Autónoma.
- Faimberg, H. (1996). Listening to listening. *International Journal of Psychoanalysis*, 77, 667-677.
- Faimberg, H. (1997). Misunderstanding and psychic truths. *International Journal of Psychoanalysis*, 78, 439-451.
- Freud, A. (1963). Regression as a principle in mental development. In A. Freud, *Normality and pathology in childhood*. New York: IUP.
- Freud, S. (1994). Proyecto de psicología. In S. Freud, *Obras completas*. (Vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabajo original publicado em 1950[1895]).
- Freud, S. (1994). Recordar, repetir y reelaborar. In S. Freud, *Obras completas*. (Vol. 12). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabajo original publicado em 1914).
- Freud, S. (1994). Puntualizaciones sobre el amor de transferencia. In S. Freud, *Obras completas*. (Vol. 12). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabajo original publicado em 1915).
- Gabbard, G. et al (1995). *Boundaries and boundary violations in psychoanalysis*. New York: Basic Books.
- Gabbard, G. et al (2003). Miscarriages of psychoanalytic treatment with suicidal patients. *International Journal of Psychoanalysis*, 84, 259.
- Gibeault, A. & Kestemberg, E. (1981). Le personnage tiers. *Cahiers du Centre pour la Psychanalyse et la Psychothérapie*, 3, 1-84.

- Green, A. (1975). El analista, la simbolización y la ausencia en el encuadre analítico. Sobre los cambios en la práctica y la experiencia analítica. In A. Green, *De locuras privadas*. (pp. 48-87). Buenos Aires: Amorrortu.
- Green, A. (1982). Après coup l'archaïque. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, XXVI. [Reproduzido em *Rev Psicoanál*, 43, 729-751].
- Green, A. (1997). Démeubrement du contre-transfert. Ce que nous avons gagné et perdu à l'extension du contre-transfert. In J.J. Baranes (ed.), *Inventer en psychanalyse*. (pp. 131-161). Paris: Dunod.
- Green, A. (2002). *Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine*. Paris: PUF.
- Grinberg, L. (1956). Sobre algunos problemas de técnica psicoanalítica determinados por la identificación y contraidentificación proyectiva. *Revista de Psicoanálisis*, 13, 507-511.
- Inderbitzin, L.B. et al (2000). Regression and psychoanalytic technique. *Psychoanalytical Quarterly*, (69), 195-223.
- Joseph, B. (1999-mar). From acting out to enactment. Trabalho apresentado em *The Joe Sandler Memorial Day*. Inédito.
- Joseph, B. (2003). Ethics and enactment. *Psychoanalysis in Europe, Bull*, 57, 147-153.
- Klein, M. (1957). *Envy and gratitude. The writings of M. Klein*. London: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-analysis.
- Loewald, H. (1981). Regression: some general considerations. *Psychoanalytical Quarterly*, 50, 22-43.
- Milner, M. (1952). The role of illusion in symbol formation. In M. Milner, *The suppressed madness of sane men*. London: Routledge.
- Money-Kyrle, R. (1965). Success and failure in mental maturations. In R. Money-Kyrle, *The collected papers of Roger Money-Kyrle*. (pp. 398-406). Perthshire: Clunie Press.
- Morin, E. (1990). *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gedisa.
- Renik, O. (1998). The analyst's subjectivity and the analyst's objectivity. *International Journal of Psychoanalysis*, 79, 487.
- Rocha Barros, E. (2000). Affect and pictographic image: the construction of meaning in mental life. *International Journal of Psychoanalysis*, 81, 1087-99.
- Sandler, J. et al (1994). Theoretical and technical comments on regression and anti-regression. *International Journal of Psychoanalysis*, 75, 431.
- Sapisochin, G. (1999a). My heart belongs to daddy: some reflections on the difference between generations as the organizer of the triangular structure of the mind. *International Journal of Psychoanalysis*, 80, 755.
- Sapisochin, G. (1999b). La función del otro en el abordaje interpretativo del paciente adolescente. *Revista de Psicoanálisis APM*, 29.
- Sapisochin, G. (2004). *Algunas reflexiones sobre la implicación del psiquismo del analista en la escucha*. Trabalho apresentado na APM. Inédito.
- Sapisochin, G. (2006). Entre la identificación y el pensamiento: reflexiones sobre la internalización. *Revista de Psicoanálisis APM*, 48, 185.
- Sapisochin, G. (2007). Variaciones post-freudianas de Agieren: sobre la escucha de lo puesto en acto. *Revista de Psicoanálisis APM*, 50, 73.
- Sapisochin, G. (2008). On psychoanalytic specificity. Trabalho apresentado no *IV Encuentro del Working Party on Specificity of Psychoanalytic Treatment Today*, Federación Europea de Psicoanálisis. Paris. Inédito.
- Sapisochin, G. (2009). Escucha y contra-transferencia en la práctica psicoanalítica contemporánea, Trabajo presentado no *Congresso da IPA*. Chicago. Inédito.
- Sapisochin, G. (2010). Los supuestos metapsicológicos de la puesta en acto. Trabajo presentado no *Congreso de la Federación Latinoamericana de Psicoanálisis*. Bogotá. Inédito.
- Sapisochin, G. (2011). La escucha de la regresión en el proceso analítico. *Revista de Psicoanálisis APM*, 62(41). [Publicado también em: *Revista de Psicoanálisis. APA*. LXVIII(4), 649-675, 2011; *Psicoanalisi*. 15(2)].
- Schacter, D.L. (1987). Implicit memory: history and current status. *Journal of Experiment Psychology*, 13(3), 501-518.

- Shakespeare, W. (1981). *Hamlet*. Madrid: Edaf. (Trabalho original publicado em 1602).
- Smeke Cassorla, R. (2008). The analyst's implicit alpha-function, trauma and enactment in the analysis of borderline patients. *International Journal of Psychoanalysis*, 89, 161-180.
- Spurling, L. (2008). Is there still a place for the concept of "therapeutic regression" in psychoanalysis? *International Journal of Psychoanalysis*, 89, 523-540.
- Steiner, J. (2006). Interpretative enactments and the analytic setting. *International Journal of Psychoanalysis*, 87, 315-20.
- Urtubey, L. (2006). *Si l'analyste passe à l'acte*. Paris: PUF.
- Winnicott, D.W. (1967). *Playing and reality*. London and New York: Routledge.
- Winnicott, D.W. (1992). Metapsychological and clinical aspects of regression within the psycho-analytical set-up. In D.W. Winnicott, *Through pediatrics to psychoanalysis*. (pp. 278-94). London: Karnac Books. (Trabalho original publicado em 1954).

Traduzido por Claudia Berliner

[Recebido em 6.6.2012, aceito em 3.7.2012]

Gabriel Sapisochin
[Asociación Psicoanalítica de Madrid]
Orense 85
28020 Madrid, España
sapisochin@gmail.com